A PERSONALIDADE DO SÉCULO XX

O século XX foi um período da história da humanidade marcado por muitas guerras e conflitos que acarretaram a morte de aproximadamente 110 milhões de pessoas. De acordo com o PNDU - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, esse número é três vezes maior que o de todo o resto da história. Foi o século dos massacres e genocídios.

A despeito de tanta discórdia, foi um período de grandes avanços científicos e tecnológicos, bem como de profundas mudanças políticas, econômicas e sociais, que possibilitaram a melhoria da qualidade de vida de alguns povos.

Essa vertente exitosa da longa caminhada secular foi impulsionada pela ação edificante de pessoas que se destacaram pela extraordinária obra que construíram nas mais diferentes áreas da atividade humana.

Desse modo, em 1998, faltando apenas três anos para o término do centênio, diversas organizações internacionais se dedicaram a elaborar conjuntamente a lista das 100 pessoas mais influentes do século XX, ou seja, daquelas que provocaram o maior impacto político, econômico, social ou intelectual na vida dos habitantes do planeta, abrangendo cientistas, pensadores, políticos, líderes e revolucionários, artistas, inventores, heróis, ícones etc. A criteriosa eleição dos nomes integrantes de tal lista - que acompanhei *pari passu* -, durou sete anos, sendo finalmente concluída e publicada pela revista Time, em abril de 2005.

Coerentemente, a lista reúne os mais influentes nomes do século XX e, ao mesmo tempo, aponta o cientista alemão **ALBERT EINSTEIN** como o mais influente de todos, elegendo-o a "personalidade do século".

motivação

Ainda na tenra idade, quando tudo que se quer da vida é brincar, ouvia diariamente dos meus pais determinadas palavras de ordem que se cingiam em verdadeiros princípios de conduta a serem seguidos religiosamente, tais como: "Menino, estude muito para um dia você ser alguém na vida!" - "Sem estudo você não chegará a lugar nenhum!" - "Conhecimento é poder!" - "Estudar é semear!"

Por prazer ou por obediência, fui assimilando a relevância do "conhecimento" e, quando me dei conta, já era um leitor contumaz, devorador incontido de livros, na incessante busca do aperfeiçoamento intelectual.

A coruja, símbolo do conhecimento, segundo os gregos.

Como se não bastassem os incentivos paternos, ao chegar à Escola de Filosofia esbarrei nos postulados do pensador inglês Francis Bacon, que afirmou: "O conhecimento é em si mesmo um poder" [Scientia potentia est]. De acordo com Bacon, o conhecimento é fonte de poder. Ter e partilhar conhecimento é uma forma nobre e eficaz de transformar mentalidades em benefício da sociedade.

Com essa convicção, atravessei quatro décadas diante da escrivaninha, agregando conhecimento, fazendo dessa busca um sacerdócio, por prazer, mas também como estratégia de sobrevivência e elevação.

Em 2005, lendo a edição de abril da revista Time, verifiquei que o cientista alemão ALBERT EINSTEIN fora eleito a pessoa mais influente do século XX, sufragado numa extensa lista de cem celebridades.

Impactado, nos dois anos seguintes, cuidei de examinar meticulosamente a vida intensa e a obra genial de Albert Einstein, "o gênio científico".

Nessa toada, garimpando numa daquelas exuberantes livrarias paulistanas, adquiri mais dois requisitados livros do cientista e pensador Albert Einstein, a saber: "Sobre Religião Cósmica e Outras Opiniões e Aforismos",

publicado em 1931, edição esgotada; e "A Religião Cósmica", publicado em 1946, edição também esgotada.

Em "A Religião Cósmica", Einstein disseca sobre a controversa relação entre ciência e religião, demonstrando como o espírito científico propõe uma religiosidade livre de igrejas, afirmando, em síntese, que: "Desde monera, a razão não deslindou em essência os mistérios que afligem a humanidade. Entretanto, a religião não satisfez de todo a fome de luz do mundo. Necessário se faz entender que uma não poderá cumprir à perfeição o seu labor sem o auxílio da outra".

Mas foi no seu livro "Sobre Religião Cósmica e Outras Opiniões e Aforismos", onde discorre acerca de filosofia, ciência e religião, que encontrei a assertiva que me levou a rever minha convicção sobre a relevância do "conhecimento".

Diz Einstein, na obra citada:

"Eu acredito na intuição e na inspiração. A imaginação é mais importante que o conhecimento. O conhecimento é limitado, enquanto a imaginação abraça o mundo inteiro, estimulando o progresso, dando luz a evolução. Ela é, rigorosamente falando, um fator real na pesquisa científica".

Não me amofina confessar que perdi a conta das vezes que reli alguns dos diversos livros de Einstein, não só pela genialidade de seu pensamento arrebatador, mas também pelo brilhantismo da construção literária!

Assim, depois de muito refletir sobre essa icástica afirmação do físico-pensador, pude vislumbrar sua natureza revolucionária e, portanto, transformadora de mentalidades.

Com efeito, a subjetividade da imaginação, residente no íntimo de cada indivíduo, compreende um mundo ilimitado de possibilidades, que o conhecimento, que é limitado, não é capaz de alcançar.

Verbi Gratia, é de se admitir que mais pela imaginação e menos pelo conhecimento o gênio renascentista Leonardo da Vinci pôde realizar suas inúmeras invenções.

Nesse mesmo sentido, em tempos já distantes, frequentando feiras livres de pequenas cidades do interior, testemunhei uma cena do cotidiano nordestino, protagonizada por dois homens do povo, que, sutilmente, confirma a supremacia da imaginação, como adiante pode-se inferir: o personagem principal da cena era seu Tobias, conhecido negociante de pássaros da região. Numa ensolarada manhã de sábado (dia de feira), um freguês de nome João chegou à barraca de seu Tobias determinado a comprar um lindo canarinho belga, que não parava de cantar, dando azo ao seguinte diálogo:

— João: quanto é esse canário?

— Seu Tobias: mil reais!

— João: caro assim?

— Seu Tobias: esse é o melhor canário da região. Ele só pára de cantar quando dorme! Pode levar que é uma pechincha!

— João: tá bem, vou levar!

E levou.

No sábado seguinte, retornei à feira e pude presenciar o seguinte diálogo entre os mesmos personagens:

— Seu Tobias: oi João, você de volta? Algum problema com o canarinho?

— João: não, não! Pelo contrário, o canário parece uma vitrola, não pára de cantar! Estou tão satisfeito que vim comprar outro!

— Seu Tobias: perfeitamente! Pode escolher aí o que quiser!

— João: vou levar este aqui que é igualzinho! Quanto é?

— Seu Tobias: esse aí é três mil reais!

— João: oxente!! Como é que pode!? Aquele outro que comprei,
não pára de cantar e o Sr. me cobrou mil reais.
Já tô aqui há uma hora e este ainda não abriu o bico.
É praticamente mudo e o Sr. quer me cobrar duas vezes
mais que o outro!?

— Seu Tobias: mas é porque aquele é o cantador, esse daí é
o compositor!!

Ou seja, o cantador/cantor adquire o conhecimento (a letra da música), já pronto, acabado e delimitado. O compositor, partindo do nada, IMAGINA uma cena e a descreve na letra de uma canção, evidenciando assim a supremacia da imaginação, relativamente ao conhecimento, como bem acentuou Einstein, removendo minha convicção.

Visitando uma tese de doutorado sobre o tema, qualquer das manifestações artísticas ou mesmo invenções, percebe-se tal diferença com clareza solar e entende-se a razão de ser da assertiva de Einstein.

albert einstein

Albert Einstein nasceu em Ulm, Alemanha, em 1879, no seio de uma família judia de classe média. Graduou-se em física com apenas 21 anos de idade e com 26, ao concluir o doutorado, publicou a formulação preliminar de sua famosa TEORIA DA RELATIVIDADE, verdadeiro fundamento da física moderna, apresentando ao mundo uma concepção totalmente nova do Universo.

Em 1915, quando completou 36 anos, ocupou a tribuna da Academia de Ciências da Prússia, em Berlim, e apresentou a conclusão de sua Teoria da Relatividade, sustentada numa visão revolucionária das interações entre o espaço, o tempo, a matéria, a energia e a gravidade, considerada como uma das maiores conquistas intelectuais da humanidade, razão pela qual ingressou logo no rol dos maiores gênios da história.

Sobre aquele momento iluminado da vida de Einstein, relatou Elsa Lowenthal, sua segunda esposa: "Certo dia, durante o café da manhã, ele parecia perdido em seus pensamentos e ignorou a comida. Perguntei se algo o incomodava e ele, sem nada dizer, dirigiu-se ao seu piano e passou a tocar e escrever notas musicais por meia hora. Em seguida, subiu para o seu gabinete de estudos, onde permaneceu por duas semanas, sem sair para nada. As

refeições eram levadas por mim mesma. No final das duas semanas, desceu as escadas com duas folhas de papel na mão, onde ostentava sua Teoria da Relatividade.

Criou a fórmula de equivalência massa - energia ($E = mc^2$), que se tornou "a equação mais famosa do mundo".

Em 1921, aos 42 anos, foi agraciado com o Prêmio Nobel de Física, por suas contribuições à física teórica e, especialmente, por sua descoberta da lei do efeito fotoelétrico, que foi fundamental no estabelecimento da teoria quântica.

cidadão suíço

Em 1895, com 16 anos, Einstein passou a viver em Aarau, na Suíça, e já em 1901 obteve nacionalidade suíça. Em 1902 fixou residência em Berna, onde chegou sem um único franco no bolso, sobrevivendo de aulas particulares e, posteriormente, como funcionário de escritório, cujo emprego possibilitou alugar um modesto apartamento onde foi morar com sua primeira esposa Mileva Maric (que admirava pela "inteligência silenciosa") e o primeiro filho Hans Albert. Nesse minúsculo apartamento, situado na Kramgasse nº 49, bem no centro de Berna, residiu o gênio-científico durante sete anos e, exatamente ali, ele elaborou a Teoria da Relatividade. A casa hoje é a sede do Museu Einstein, frequentemente visitado por turistas estrangeiros, em cujo livro de ouro estão tocantes homenagens, tais como esta, de uma italiana, que despertou minha particular atenção:

Primeira residência de Einsten em Berna, hoje Museu Einsten.

> *"Ciao Einstein, meus cabelos são tão desgrenhados quanto os teus; adoro tua escrita desordenada, mas o que conta é teu gênio. Tu deixaste uma contribuição enorme ao conhecimento e à humanidade".*

viagens

Albert Einstein fez diversas viagens pelo mundo, inclusive por toda a Ásia e Palestina, não só para expor suas teorias físicas, mas também para debater temas como o racismo e a paz mundial.

na República Tcheca

Em 1911, com cidadania austríaca, no Império Austro-Húngaro, tornou-se professor catedrático da Universidade Carolina, em Praga,

na Alemanha

Retornou à Alemanha em 1912, passando a ensinar física teórica, mecânica analítica e termodinâmica, no Instituto Federal de Tecnologia e em 1914 foi nomeado diretor do Instituto Kaiser e professor da Universidade de Berlim, além de presidente da Sociedade Alemã de Física.

no Japão (a "teoria da felicidade")

Em 1922 Einstein foi ao Japão realizar diversas conferências. Chegando ao Hotel Imperial, em Tóquio, ao invés de agradar o carregador de malas com uma gorjeta, rabiscou duas aligeiradas anotações explicando como alcançar a felicidade e as deu ao distinto carregador.

Uma das anotações, feita em papel timbrado do hotel, diz textualmente: "Uma vida simples e tranquila traz mais alegria que a busca pelo sucesso em uma inquietação constante". A outra, escrita num pedaço de papel qualquer, diz; "Onde há um desejo, há um caminho".

As duas anotações feitas por Einstein , onde ele explica como alcançar uma vida feliz, que estavam com um parente do carregador do hotel, foram leiloadas recentemente, em outubro/2017, na casa de leilões Winner, por 1,56 milhão de dólares.

no Brasil

Einstein chegou ao Rio de Janeiro, então capital federal, em 4 de maio de 1925, sendo recebido com honras de Chefe de Estado pelo então presidente Artur Bernardes, onde cumpriu uma agenda intensa.

nos Estados Unidos

Já em 1933, em visita aos Estados Unidos, Einstein decidiu não retornar para a Alemanha em virtude da ascensão de Adolf Hitler ao cargo de chanceler. Em 1939, poucos dias antes do início da Segunda Guerra Mundial, encaminhou uma carta ao presidente americano Franklin Delano Roosevelt alertando-o da existência de pesquisas nazistas direcionadas à breve fabricação da bomba atômica e recomendando que o governo dos Estados Unidos passasse imediatamente a realizar pesquisa de urânio, associada à reação em cadeia, com a mesma finalidade. O presidente Roosevelt aceitou a sugestão e o convidou para chefiar a equipe de pesquisas, mas Einstein recusou o convite (para Einstein, "a guerra era uma doença e ele sempre apelou para a resistência contra a guerra"). Ao assinar a carta que enviou ao presidente Roosevelt, agiu contrariamente aos seus princípios pacifistas. Um ano antes de seu falecimento, Einstein confidenciou ao seu grande amigo Linus Pauling, "Eu cometi um grande erro na minha vida - quando assinei aquela carta para o presidente Roosevelt recomendando a construção da bomba atômica, mas naquele momento havia uma justificativa - o perigo de que os alemães a construíssem".

Aliás, a aversão que Einstein tinha à guerra suscitou sua profunda amizade com outro gênio da humanidade chamado Charles Chaplin, também pacifista. Einstein e Chaplin se encontraram pela primeira vez em Los Angeles, 1931. Chaplin o convidou para a pré-estreia do seu filme Luzes da Cidade, o maior sucesso de sua carreira. Recebeu Einstein na porta do Los Angeles Theater e os dois foram demoradamente ovacionados por centenas de pessoas que ali estavam. Enquanto acenavam para a plateia, Chaplin puxou Einstein pelo braço e disse: “eles nos aplaudem por razões diferentes. A mim porque entendem tudo o que faço sem que eu nada diga e a você porque não entendem nada do que você diz”.

Quando Einstein visitou Winston Churchill em sua casa, pediu para ajudar a trazer dezenas de cientistas judeus da Alemanha. Dois dias depois, o primeiro ministro britânico encaminhou um projeto de lei ao parlamento inglês, objetivando ampliar as oportunidades de cidadania aos judeus.

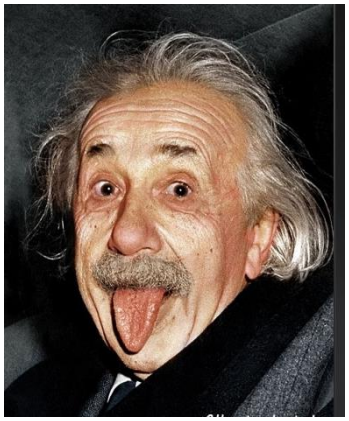
Einstein recebeu cidadania norte-americana em 1º de outubro de 1940, logo após iniciar sua carreira na Universidade de Princeton.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial - ainda com as imagens de Hiroshima e Nagasaki presentes na mente das pessoas - um grupo de cientistas pediu a Einstein para fazer um apelo à comunidade científica para que esta se recusasse a trabalhar no desenvolvimento de energia nuclear tendo em vista seu provável uso para o mal. Ele consentiu e assinou o manifesto. Quando, em 1946, por insistência, assumiu a presidência do Comitê Emergencial de Cientistas Atômicos, declarou que sua missão era promover o uso pacífico da energia nuclear, difundir o conhecimento e informação sobre energia atômica e promover a compreensão geral de suas consequências.

Einstein integrou ainda a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor, em Princeton, e fazia campanha pelos direitos dos afro-americanos, dizendo que o racismo é "a pior doença da América" e que "os únicos remédios são a iluminação e a educação".

a foto com a língua de fora

Muitos me pedem explicação sobre a instigante foto de Einstein com a língua de fora, que corre o mundo.



Na verdade, a foto dá a conhecer a natureza alegre e descontraída do gênio cientista, tirada em 1951, em Princeton, pelo fotógrafo Arthur Sasse, da agência de notícias United Press International (UPI), cuja imagem, tão famosa, foi leiloada em 2017, em Los Angeles, por 125 mil dólares, devidamente autografada.

Ao sair do clube social da Universidade de Princeton, onde acabava de comemorar seu aniversário de 72 anos, já no automóvel, acompanhado do diretor do Instituto de Estudos Avançados dos Estados Unidos (Frank Aydelotte), Einstein posou pacientemente para os fotógrafos (paparazzi) que o esperavam na entrada do clube. Após a sessão de fotos, quando já se preparava para partir, o fotógrafo Sasse se aproximou dele e pediu um sorriso para tirar mais uma fotografia. Então, por cansaço ou por estar farto da perseguição dos repórteres, Einstein colocou a língua para fora e Sasse rapidamente disparou sua câmera, registrando o gesto para toda a eternidade.

Consta que diretores do jornal hesitaram muito em publicar a imagem, receosos de ofender o cientista, mas terminaram publicando. Einstein não se

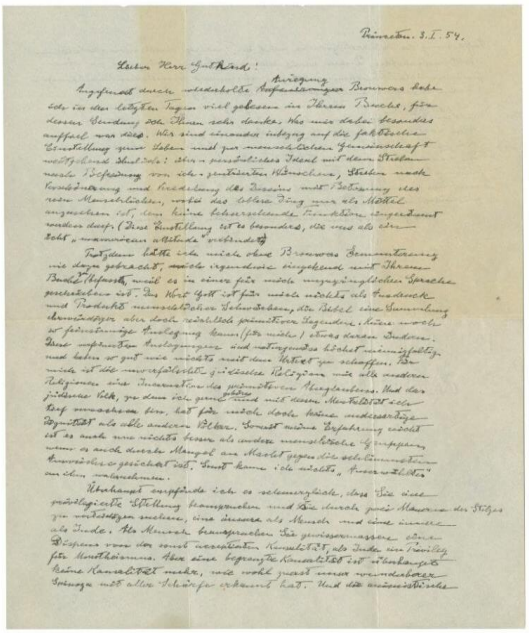
importou. Até gostou. E gostou tanto que mandou produzir cópias para dá-las autografadas aos amigos. Tudo indica que foi uma dessas fotos autografadas que foi arrematada no leilão acima mencionado.

a indicação para presidente de Israel

Após a morte do primeiro presidente de Israel, Chaim Azriel Weizmann, em 1952, o primeiro-ministro David Ben-Gurion indicou Einstein para o cargo de presidente, justificando que aquele era o desejo de todos e que "encarnava o mais profundo respeito que o povo judeu pode repousar em qualquer um de seus filhos". Einstein, no entanto, recusou, endereçando-lhe uma carta dizendo que estava "profundamente comovido" e "ao mesmo tempo triste e envergonhado", pois não poderia aceitar a indicação, acrescentando: "Toda a minha vida eu tenho lidado com questões objetivas, daí me falta tanto a aptidão natural como a experiência para lidar corretamente com as pessoas e para o exercício da função oficial. Eu estou muito triste com essas circunstâncias, porque a minha relação com o povo judeu se tornou o meu laço humano mais forte, uma vez que eu consegui compreender a clareza sobre a nossa posição precária entre as nações do mundo".

a "Carta de Deus"

Em 1954, um ano antes de morrer, Einstein enviou uma carta manuscrita ao seu particular amigo, o filósofo judeu alemão Eric Gutkind, conhecida como a "Carta de Deus", na qual revela seus sentimentos sobre o judaísmo (que ele chama de "superstição primitiva") e sobre Deus (que define como "uma expressão da fraqueza humana"). Essa carta também foi arrematada recentemente num leilão na casa Christie's, em Nova York, por 2,9 milhões de dólares.


Princeton, 3.1.54.

Lieber Herr Gutkind!

Ihre Zuschrift hat mich tief bewegt. Ich habe Ihren Namen in den letzten Tagen viel gelesen in Ihrem Buche, für dessen Sendung ich Ihnen sehr danke. Was mich dabei besonders auffiel, war Ihre Einstellung zur Religion und zur menschlichen Gemeinschaft, wobei Sie das Ideal mit dem Stigma nicht Befriedigung von ich-gebundenen Wünschen, Stolzen nach Verwirklichung und Bewährung der Person mit Betätigung des rein Menschlichen, wobei das Selbst-Ding nur als Mittel angesehen ist, eine keine Hebung bewirkende Tendenz, eingeschränkt wahrer deep. (Diese Einstellung ist so besonders, wie man als ein Zeichen „unmittelbar attitude" gebrauchte.)

Persönlich hätte ich nicht ohne Bewunderung Bemerkungen wie diese gebracht, wenn ich regelmässig eingehend mit Ihrem Buche befasst, weil es in einer für mich unzugänglichen Sprache geschrieben ist. Das Wort Gott ist für mich nichts als Ausdruck und Produkt menschlicher Schwächen, die Bibel eine Sammlung ehrwürdiger, aber doch recht kindlich primitiver Legenden, keine noch so fadenscheinige Deutung kann (für mich) etwas daran ändern. Diese subtilsten Deutungen sind naturgemäss höchst mannigfaltig und haben so gut wie nichts mit dem Urtext zu schaffen. Für mich ist die unverfälschte jüdische Religion wie alle anderen Religionen eine Incarnation des primitivsten Aberglaubens. Und das jüdische Volk, zu dem ich gerne Kind mit diesem Mentalität sein darf, verwachsen bin, hat für mich doch keine andere Bedeutung als alle anderen Völker. Soweit meine Erfahrung reicht ist es auch nur nichts Besseres als andere menschliche Gruppen, wenn es auch durch Mangel an Macht gegen die schlimmsten Auswüchse geschützt ist. Sonst kann ich nichts „Auserwähltes" an ihm wahrnehmen.

Überhaupt empfinde ich es schmerzlich, dass Sie diese privilegierte Stellung heraussuchen und Sie durch jene Manchen der Stämme zu verdeutlichen suchen, eine Ausrede als Menschen und eine Ausrede als Juden. Als Menschen heraussuchen Sie gewissermassen einen Dispens von der sonst akzeptierten Kausalität, als Juden von Tradition für Menschlichkeit. Aber eine begrenzte Kausalität ist überhaupt keine Kausalität mehr, wie wohl jeder weise wundersame Spinoza mit allen Schärfen erkannt hat. Und die unzerstörbare

a morte

Já em 1950, Einstein foi diagnosticado como portador de um aneurisma na aorta abdominal. Com restritas possibilidades de tratamento, seus médicos decidiram operá-lo, mas Einstein recusou definitivamente a intervenção cirúrgica, dizendo: "Quero ir quando eu quiser. É de mau gosto ficar prolongando a vida artificialmente. Fiz a minha parte, é hora de ir embora e eu vou fazê-lo com elegância". Imediatamente, fez seu testamento, deixando todos os seus manuscritos para a Universidade Hebraica de Jerusalém, em Israel, que ajudou a fundar.

Einstein passou os últimos anos de sua vida (1950 - 1955) em busca de uma teoria que unificasse todas as forças da natureza. Estava a procura de uma única lei geral capaz de explicar todas as interações do universo.

Foi um dos maiores cientistas de todos os tempos, tendo sido eleito, em 1999, pelo colégio mundial de dezenas de países, o mais memorável físico de toda a história.

Considerado a imagem da inteligência e do pacifismo, ele deu nova perspectiva filosófica e científica ao mundo.

Albert Einstein faleceu em 18 de abril de 1955, em Princeton, aos 76 anos de idade, em plena atividade.

Durante a necropsia o patologista de plantão do Hospital de Princeton, Thomas Harvey, se apropriou indevidamente do cérebro de Einstein e manteve o órgão preservado por mais de 40 anos. Consta que estudos feitos no mesmo demonstraram que o lobo parietal, a região responsável pelo pensamento matemático, era 15% maior que a média humana.

Albert Einstein está perenizado na construção intelectual que realizou.
Nenhum ser humano deve desconhecer sua vida, sua obra, seu legado.
Ele não foi somente grande, foi oceânico!

Jorge Freitas
in Prosas & Reflexões **Primavera/2020.**
ilustração e formatação: Letícia Moreira